



## Não D'Amores



É UMA NAVE para outro mundo, uma nau que sai à aventura, desgostosa com ele, mas ainda assim buscando o amor, ora perdido, ora desejado, sempre querido. A bordo são todos doidos. Apaixonados, é verdade, mas doidos; e não só de amor. Embarcados numa missão provavelmente impossível, trocando a dor dos sentimentos desprezados pela esperança de os recuperar ou encontrar novos. Que importa se é uma fantasia?

Trabalhador avençado, Gil Vicente (1465-1537) não podia simplesmente deixar-se levar pelas musas, pois tinha a obrigação, digamos, contratual, de assinalar devidamente os acontecimentos reais. Vai daí, em 1527, o dramaturgo estreia perante D. João III a tragicomédia *Nao d'Amores* para marcar a chegada a Lisboa do monarca e da rainha D. Catarina, há um bom par de anos fugidos

da capital, não fosse a peste subir do povo até à corte. Talvez pelo dever afugentar as musas, esta não faz parte do rol de peças mais conhecidas nem representadas, e uma boa razão é por nem sequer ser das mais bem engendradas e imaginativas – o autor usou, quase abusou, do já visto, do já conhecido e popular na sua obra, recorrendo ao mecanismo dramático de alinhar umas personagens alegóricas por alguma razão necessitadas ou desejosas de entrar numa embarcação qualquer e zarpar.

Passados estes séculos, na co-produção da *Nao d'Amores* (que, na comemoração dos seus 15 anos, se aventurou a representar a obra que lhe deu nome) com a Companhia de Teatro de Almada, Ana Zamora continua a explorar o território do teatro ibérico pré-barroco. Adapta muito livremente na sua dramaturgia (pela generosa adição de extractos do *Auto da Barca do Purgatório*, *Auto da Barca do Inferno*, *Farsa da*

*Índia*, *Cortes de Júpiter*, *Frágua d'Amor*, *Auto da Fama e Auto das Fadas*, e por uma muito inteligente utilização da música de Alicia Lázaro, dos figurinos de Deborah Macias e do modular cenário de Richard Cenier) as venturas e desventuras originais de Lisboa e do Amor, do Príncipe da Normandia e do Pajem e do Frade doido, e ainda do Pastor e do Negro e do Velho, mais os dois Fidalgos tresmalhados e o Parvo. A viva leitura da encenadora espanhola, bem apoiada na representação, mais ou menos no canto e assim-assim na dança por Catarina Melo, Estêvão Antunes, Filipa Meneses, Luís Lima Barreto, Moisés Maroto, Sergio Adillo e Sílvio Vieira, alinha os desejos e os sonhos das personagens com sensibilidade e alegria, fazendo da repetição de histórias entre a desgraça e a comédia uma constante farsa amplificadora do divertimento que cria. ■ Rui Monteiro

→ Teatro Municipal Joaquim Benite, Almada  
Até 13 Nov. Qua-Sáb 21.00. Dom 16.00. 13€